

Parte 1 - Práticas educativas

3 - O consumo que consome o consumidor: uma experiência de Educação Ambiental no Ensino Fundamental II

Adriana de Oliveira
Alessandra Pedrassi
Valderir Romão da Silva
Maria Andrêsa da Silva
Elisa Racy Carlini

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, A., *et al.* O consumo que consome o consumidor: uma experiência de Educação Ambiental no Ensino Fundamental II. In: BONOTTO, DMB., and CARVALHO, MBSS., orgs. *Educação Ambiental e valores na escola: buscando espaços, investindo em novos tempos* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 69-88. ISBN 978-85-7983-762-3. Available from: doi: [10.7476/9788579837623](https://doi.org/10.7476/9788579837623). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/85fqc/epub/bonotto-9788579837623.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

3

O CONSUMO QUE CONSOME O CONSUMIDOR: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Adriana de Oliveira

Alessandra Pedrassi

Valderir Romão da Silva

Maria Andrêsa da Silva

Elisa Racy Carlini

Nosso grupo inicial constituiu-se de oito professores. Logo na primeira reunião definimos o tema, que, segundo consenso de todos, seria o consumismo. No mesmo dia em que planejávamos as atividades, fomos orientados pela professora coordenadora a subdividir o grupo, para que tivéssemos uma variedade maior de trabalhos elaborados e realizados. Todos desejavam manter o tema consumismo, então foi feita uma separação: um grupo trabalharia a questão pelo enfoque energético e o outro grupo, o nosso, desenvolveria a mesma temática, só que segundo o viés “ser e ter”, a geração dos resíduos sólidos e as consequências do consumismo que se relacionam aos impactos ambientais e sociais.

Essa temática se mostrou importante, tendo em vista a atual sociedade, que valoriza excessivamente o ter em detrimento do ser, acarretando um consumo exagerado e a produção de grande quantidade de resíduos sólidos, entre outras consequências ambientais e sociais.

Estamos lidando com diversos efeitos ambientais nocivos, como a falta de água e de chuvas, enchentes, calor excessivo etc. Enfim, são inúmeros efeitos ambientais fora dos padrões, e não estamos enxergando que a maioria deles acontece devido ao nosso descaso com o meio ambiente e com o lixo excessivo gerado a partir do consumo exagerado. Procuramos “empurrar” as responsabilidades sempre para o próximo, sem refletir sobre as nossas. Além disso, em nossa sociedade capitalista e tecnológica somos bombardeados, a todo o momento, por

propagandas que nos dizem o que devemos ter para “ser alguém”, que devemos estar constantemente conectados para não perder nenhuma informação (como se ao perder qualquer assunto do momento já não fizessemos mais parte do mundo e fôssemos “menos” do que os demais). Estamos nos deixando levar passivamente por tudo isso. Com tanta informação interativa, com tantos estímulos do que devemos ter ou saber para “ser alguém”, falta tempo para nos questionarmos sobre as coisas mais básicas, como quem realmente somos, quais são os nossos reais valores, o que realmente é importante para nós, e, também, quais as consequências de nossas ações para nós mesmos e para o meio ambiente do qual fazemos parte.

Visto desse modo, nosso trabalho procurou estimular uma consciência crítica nos alunos, com a intenção de que eles refletissem suas ações diárias atuais e futuras.

Queremos deixar claro que o nosso projeto jamais pretendeu questionar a política de distribuição de renda. Que as pessoas abaixo da linha de pobreza ou pessoas de baixa renda tenham seu poder de consumo aumentado, já que entendemos que isso é fator importante para a formação de uma sociedade mais igualitária.

O nosso grupo ficou constituído por uma professora de Ciências, que trabalhou com turma do 6º ano, uma de Artes, com turma do 8º ano, uma de Geografia, com turma do 8º ano e um professor de História, que trabalhou com uma turma do 7º ano. A professora de Ciências e o professor de História trabalharam na mesma escola, em Limeira; a professora de Artes em Cordeirópolis e a de Geografia em Ipeúna, as três cidades localizadas no estado de São Paulo.

Faz-se oportuno esclarecer que para a elaboração deste texto (que se deu ao longo de 2014) não foi possível compartilhar as experiências vivenciadas pela professora de Geografia, apesar de ela ter auxiliado na elaboração do projeto e de tê-lo executado. Sua ausência se deu por motivos de distanciamento da cidade de Rio Claro, ou seja, ela não podia mais comparecer aos encontros mensais do grupo EA e Valores, do Departamento de Educação da Unesp.

Decidido o tema, começamos a pensar nas atividades que poderiam ser desenvolvidas, em como associar o consumismo à geração de resíduos, aos impactos ambientais e às suas consequências de uma maneira geral; e, ainda, como associar tudo isso aos valores, à valorização do “ser” e não do “ter”. Por sugestão do professor de História, adotamos como título do projeto: “O consumo que consome o consumidor”, frase inspirada no livro *A mosca azul*, de Frei Betto.

Para elaborar o plano de ensino, cada professor ficou com a tarefa de pesquisar recursos e/ou meios, como vídeos, textos, imagens, entre outros, para ajudar na realização das atividades. Ficou combinado que cada um faria um esboço para ser levado e discutido no encontro seguinte. Feita essa seleção de material, discutimos os objetivos que deveriam constar no planejamento, a sequência

a ser trabalhada e o número de aulas necessárias. (Ver o plano de ensino completo no Apêndice, ao final deste capítulo.)

Visando sensibilizar os alunos, lançamos, como um dos objetivos desse projeto, tentar “mudar” o olhar deles em relação ao consumismo, à necessidade de possuir bens materiais, a fim de fazê-los refletir sobre como isso os afastava de alguns valores do ser humano. Ao refletir também acerca dos próprios valores deles sobre o tema, buscamos selecionar atividades para clarificar os valores.¹ Nós, enquanto educadores, deixamos de ser transmissores de valores para adotar a postura de incentivadores, para que os valores surgissem do próprio educando. Para tal, nos apoiamos em estudos realizados por Puig e Fuzatto (1998).

Estava tudo previsto para iniciar no final de outubro de 2013, no dia em que cada professor tivesse aula no decorrer da semana, e o projeto teria oito aulas de duração.

Quanto à escolha da turma, para a professora de Ciências, foi puramente estratégica, levando em conta o número de aulas, por conta dos feriados e outros projetos da escola, além de a avaliação Saesp² estar próxima.

Confesso que no início pensei que a sala me daria muito trabalho – uma turma de 6º ano com 35 alunos. Por ser uma turma difícil, pensei algumas vezes em escolher outra turma, mas o tempo, o número de aulas, falou mais alto e fiquei com a turma inicial mesmo. Antes de começar, conversei com os alunos a respeito do assunto, que trabalharíamos de uma forma diferenciada, e eles ficaram curiosos para saber como seria. No dia do início dos trabalhos, eles chegaram bem ansiosos, supercuriosos e me surpreenderam perguntando o que faríamos naquele dia, foram bem receptivos à proposta. Após iniciarmos as atividades, ficaram mais animados ainda, a participação foi ótima. Fiquei realmente surpreendida com os comentários e as reflexões... Depois, pensei que a escolha da turma não poderia ter sido melhor! (Relato da professora de Ciências)

Isso nos fez refletir sobre algo que aprendemos na invariante pedagógica número 22 de Celéstin Freinet (Freinet apud Sampaio, 1989, p.95):

A ordem e a disciplina são necessárias em sala de aula: pratique as técnicas modernas pelo trabalho vivo, que as crianças se disciplinarão por si próprias, porque

1. Os múltiplos exercícios que costumam abordar a perspectiva metodológica da “clarificação de valores” têm como principal objetivo facilitar a tomada de consciência desses valores, crenças e opções vitais de cada pessoa.
2. Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saesp).

querem trabalhar e progredir segundo regras adequadas. Você terá então em suas aulas uma ordem verdadeira.

Ou seja, se quisermos crianças inteligentes, críticas e autônomas, devemos parar de colocá-las em moldes e estimular sua curiosidade, audácia e criatividade. Devemos ficar felizes quando elas se desviam dos caminhos que propomos, pois é essa inquietação o combustível para o aprendizado. Quando elas são respeitadas como pessoas, participando efetivamente do processo de construção de algo, se sentem mais valorizadas e nos dão o retorno que desejamos. Temos o dever de formar uma geração capaz de criar e não só de copiar!

Somos uma geração de copistas-copiadores, de repetidores condenados a registrar e a explicar o que dizem ou fazem homens que nos afirmam ser superiores e que, muitas vezes, só têm sobre nós o privilégio da antiguidade nessa arte de copiadores e de repetidores. Somos uma geração para a qual a obra criadora, esse primeiro escalão da obra de arte, foi reduzida à clandestinidade. Estude! Copie! Repita!... Você nunca tirará nada de esplêndido das suas mãos desajeitadas e do seu cérebro fútil. (Freinet, 2004, p.26)

Ainda sobre a escolha da turma, o professor de História relatou a sua experiência da seguinte forma:

Lembrando que no momento eu estava diante de uma sala taxada como extremamente indisciplinada, pensei nos riscos e nos comentários dos colegas, haja vista que uma sala desacreditada é passível de inúmeros relatos que vêm desabonar qualquer trabalho. Depois de refletir um pouco se devia ou não levar essa proposta para aquela turma, busquei deixar de lado todos os fantasmas e fomos adiante. Com o passar dos dias, qual não foi a minha surpresa ao me deparar com alunos comprometidos com o projeto! E, para o meu maior espanto, percebi que os alunos mais rotulados foram os que mais cooperaram. Com isso, passei a ser mais confiante na frase: “Para educar uma criança são necessários vários enfoques”. Lembrando sempre que educar é levar a pessoa para um lugar diferente do qual ela está.

Dando início às atividades, como primeiro passo cada professor explicou o projeto aos educandos, o assunto principal que seria abordado e a duração.

Ao apresentar o projeto para a sala e comentar como seria o desenvolvimento de uma forma lúdica, dinâmica, o professor de História relatou que durante essa apresentação uma aluna perguntou “se ele tinha tomado algum remédio, pois

estava legal”. O professor então refletiu sobre o engessamento de muitas práticas diárias, sobre como as aulas acontecem de forma “mecanizada”, a ponto de uma simples mudança despertar um estímulo positivo. Ainda sobre esse episódio relatado, lançamos a seguinte questão: “Por que a escola não é alegre?”.

“O consumo que consome o consumidor” na prática

Como planejado para umas das atividades, exibimos o vídeo *On ou Off: de que lado você está?*, que aborda, em linhas gerais, o posicionamento do ser humano diante de uma sociedade extremamente tecnológica, tornando as relações humanas frias, em que a preocupação com o meio ambiente, com as atitudes de gentileza e polidez são esquecidas ou delegadas sempre ao próximo, levando, como consequência, à degradação tanto do meio ambiente quanto da sociedade. O vídeo ainda questiona o posicionamento de cada um diante de tudo que foi apresentado, sendo que ser “ON” representa um aspecto negativo e “OFF”, positivo.

Após o vídeo, a professora de Artes promoveu um debate sobre a diferença entre consumo e consumismo. As respostas foram surpreendentes, ela constatou que os alunos sabiam a diferença por já terem estudado o assunto nas aulas de Português. Então, solicitou que respondessem em uma folha separada para entregar e também pediu que escrevessem uma reflexão a respeito do vídeo.

A maioria ficou no meio-termo, um pouco ON, um pouco OFF. Mas muitos se disseram assumidamente ON, mostrando ter consciência da dependência que sentem em relação à necessidade de estar conectados o tempo todo via celular, *tablet* ou computador:

Os alunos classificaram algumas situações apresentadas em “ON” ou “OFF”. Eles entenderam o que foi apresentado no vídeo, como ser ON é o que “está na moda”, ou seja, as pessoas ligadas à tecnologia, que não valorizam as outras. Já ser OFF estaria “fora de moda”: o contato com as pessoas, a gentileza, o encontro com amigos, entre outras atitudes. Eles entenderam que o vídeo mostra o contrário do que deveria ser a realidade, que as pessoas estão cada vez mais dependentes da tecnologia, deixando de lado as relações pessoais, o cuidado com a natureza etc. (Relato da professora de Ciências)

Podemos verificar isso em alguns comentários dos alunos: “Cada um por si”; “Hoje não existe mais educação, é moda não ter mais educação”; “O mundo está carente de gentileza”; “Não devemos falar o que o outro tem que mudar,

temos que mudar nós mesmos”; “Se divertir com amigos é OFF”; “Se não mudarmos, o mundo não muda”.

Contudo, um fato surpreendeu. Foi o comentário sobre a intolerância. Um aluno associou o que viu no vídeo ao que acontecia durante o recreio, dizendo que as pessoas são pouco tolerantes. O recreio é o momento deles, onde podem circular à vontade, conversar livremente. É como uma minissociedade onde nem sempre os direitos são respeitados, onde há aqueles que furam a fila da cantina, que proferem palavrões, que provocam brigas.

Após o vídeo, houve a análise de um texto que aborda a diferença entre consumo e consumismo, refletindo sobre se é correto valorizar as pessoas pela quantidade de coisas que elas podem comprar. Algumas observações dos alunos foram: “Tudo que quer pode, não vai saber o valor das coisas” (referindo-se às crianças que ganham tudo dos pais); “O que falta é dar amor, atenção, educação e carinho para os filhos” (declaração que levou a professora a pensar: “Nossa, uma criança de 11 anos chegando a essa conclusão!”). Foi uma sensação muito boa para a professora, um sinal de que poderia explorar ainda mais o potencial de análise e reflexão deles. O resultado foi um texto reflexivo, em duplas, sobre consumo × consumismo.

Segue um trecho do texto escrito por duas alunas, ambas de 11 anos:

Hoje em dia as pessoas se importam realmente com coisas materiais ao invés de umas com as outras... Os que mais praticam a individualidade são os primeiros a dizer que são diferentes. Essas pessoas não têm a humildade de admitir que precisam mudar. Não é necessário nem falar, basta fazer a diferença... Acreditar é essencial, porém ter atitude é o que mais faz a diferença. Hoje podemos dizer que é normal o preconceito por [um] ter mais que o outro. A cada dia que passa, mais percebo que o desperdício da vida está no amor que não damos, na humildade que não temos e nas forças que não usamos. Essa palavra, “consumismo”, não deveria existir, porque todos deveriam ter direitos iguais.

O professor de História, ao abordar a questão dos celulares com a turma, relatou que chamou sua atenção o fato de alguns alunos não se importarem com os possíveis danos causados a outrem. Nas palavras do professor: “Como não poderia ser diferente, me deparei com alunos com posturas divergentes com relação ao trato da posse de bens materiais”.

Dando continuidade, a professora de Artes descreveu que, por conta de uma visita agendada pela escola, acabou atrasando a programação das atividades do projeto. Dessa forma, pediu o auxílio da professora de Matemática, para que ela montasse os gráficos com os dados coletados pelos estudantes sobre a mudança

de comportamento em relação ao lixo gerado antigamente e nos dias atuais. Sobre isso, ela relatou:

Tomei essa atitude, pois sabia que o projeto não poderia se estender até o mês de dezembro, já que muitos estudantes deixam de frequentar a escola a partir deste mês. Esse auxílio me ajudou bastante, pois a atividade acabou tomando mais tempo do que havíamos previsto no projeto, durando cerca de três a quatro aulas.

Os estudantes se mostraram bastante empolgados, produzindo cartazes bem elaborados e caprichados. Na aula seguinte, houve a análise dos resultados, possibilitando concluir que a quantidade de lixo aumentou bastante atualmente, assim como o tipo de lixo gerado se modificou, com muito mais plástico e lata.

A partir desse levantamento, perguntou-se se os alunos sabiam qual era o destino do lixo de Cordeirópolis. Como ninguém sabia ao certo, foi solicitado que pesquisassem para a aula seguinte. Foi assim que o assunto “geração dos resíduos sólidos e seus possíveis destinos” foi inserido. Em vez de trabalhar textos, como fora previamente combinado, a professora acabou passando alguns vídeos sobre os destinos do lixo e as consequências do consumismo exagerado. Foram utilizados os seguintes vídeos: *Globo Ecologia (Aterro Sanitário)*; *Sopa plástica: o lixo do oceano Pacífico*; e *A história das coisas*.

A professora de Artes relatou que o tempo foi limitador para a aplicação do projeto. O vídeo *A história das coisas* é muito rico, cheio de conteúdos que poderiam ser trabalhados amplamente dentro do assunto, por exemplo, o ser humano como elemento-chave da engrenagem do consumismo; como a mídia dissemina (na maioria das vezes de forma velada) a necessidade do “ter” para se sentir incluído na sociedade; a geração degradante de resíduos sólidos, entre tantos outros assuntos que poderiam gerar debates e reflexões nos estudantes. Porém, o fato de ter sido assistido em etapas (foi iniciado em uma semana e terminado na seguinte) diminuiu o impacto das informações nas reflexões dos alunos.

Após os vídeos, foram retomados os principais pontos visualizados. Os estudantes expuseram o fruto de suas pesquisas sobre o destino do lixo de Cordeirópolis, um aterro sanitário. Aproveitando o tema e o atraso na aplicação do projeto, a professora comentou e relembrou rapidamente os pontos visualizados no documentário *Lixo extraordinário*. Entre eles, foi destacado um sentimento comum entre as várias pessoas que se veem excluídas da sociedade por não poderem consumir certos produtos, fazendo-as endividar-se ou ficar depressivas, já que não podem ter coisas que a mídia prega como imprescindíveis para viver e ser aceito no grupo de amigos e na sociedade como um todo.

Para complementar a atividade sobre o consumismo e a degradação ambiental foi entregue uma folha na qual os alunos deveriam relatar, a partir de uma pesquisa na empresa que escolhessem, quais ações seriam necessárias para evitar a degradação ambiental. Além disso, deveriam desenhar uma sociedade baseada no “ser” e outra no “ter”; também foram solicitados a assistir a uma propaganda junto de seus familiares, para analisar as mensagens contidas. Essa atividade deveria ser entregue na aula seguinte.

Mais uma vez, percebendo que não conseguiria completar as atividades programadas no plano de ensino do projeto, a professora de Artes pediu a ajuda da professora de Matemática, que prontamente a atendeu e exibiu o vídeo *Criança, a alma do negócio*, e o poema “Eu, etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade, solicitando, ao final, que os educandos produzissem uma reflexão escrita sobre ambos.

Em outra aula de Artes foram recolhidas as composições sobre o consumismo e a degradação ambiental, porém poucos alunos haviam realizado a atividade, muitos alegando que esqueceram.

Nas reflexões a respeito do vídeo *Criança, a alma do negócio*, os estudantes relataram que já tinham percebido a influência da propaganda nas suas compras e que os principais objetos de desejo são roupas e produtos tecnológicos. E, na reflexão do poema “Eu, etiqueta”, todos praticamente chegaram à conclusão do quanto seus corpos são utilizados como propaganda e como pagam caro por isso. Após levantados esses dados, foi incluído na atividade o texto de uma reportagem intitulada: “Talvez duas crianças tenham morrido para você ter seu celular”. Todos leram e refletiram.

Diante de tudo o que foi trabalhado sobre o consumismo, solicitamos que se posicionassem diante do seguinte dilema: “A TV está mostrando um novo modelo de celular. Seus amigos já compraram e você, que já tem um celular de outro modelo com vários recursos, é incentivado pelos amigos a comprar o modelo novo. Você vai comprar para ser aceito no grupo ou não, porque tem consciência das implicações de sua compra?”.

As opiniões foram bem divididas e muitos se mostraram bastante sinceros, falando que comprariam sim o celular, independentemente das consequências. A professora de Artes relatou:

Confesso que fiquei bastante decepcionada, me questionando em que ponto havia errado, em que momento faltou alguma coisa, porque não consegui desenvolver o sentimento de afetividade tão importante às questões ambientais, e o que seria necessário fazer para que mudassem essa postura. Porém, me senti confortada na reunião seguinte com os participantes do grupo “Educação

Ambiental e trabalho com valores”, onde relatamos as experiências em sala de aula e fui lembrada que o trabalho com EA e valores demanda tempo, provavelmente nem veremos o resultado, mas certamente estamos plantando uma semente. Assim, eu deveria analisar a sinceridade dos educandos como positiva, pois me mostrava a abertura deles para expor opiniões na sala de aula, tendo em vista que em nada nos interessa pessoas ditas ecologicamente corretas que agem de maneira contrária a sua fala. Além disso, esses dados me davam parâmetros verdadeiros para agir diante dessas opiniões.

Por fim, a professora lançou a proposta para o trabalho final, que deveria ser entregue na aula seguinte. Os estudantes fariam um trabalho sobre as consequências do consumismo, como seria uma sociedade baseada no ser e como é a sociedade baseada no ter.

Na aula seguinte, com a apresentação dos trabalhos, mais uma vez a professora se viu decepcionada, pois todos fizeram cartazes de senso comum, com pouquíssima criatividade. A professora acredita que isso ocorreu devido ao pouco tempo dado para a elaboração.

Na aula de encerramento do projeto foi proposto que os alunos se dispusessem em um círculo para um pequeno debate sobre tudo que havia sido visto e comentado ao longo do projeto, para falarem se o que tinha sido estudado de alguma maneira tinha influenciado o comportamento deles no dia a dia. Mais uma vez, a professora contou com a sinceridade de alguns, que foram bem enfáticos dizendo que não mudaram em nada a sua postura; quando ela os questionou sobre o motivo, alegaram que é difícil agir de maneira diferente, que a vontade de ter bens materiais na maioria das vezes fala muito mais alto do que a razão para não tê-los, provavelmente por não sentirem de perto as consequências do consumismo, ou simplesmente por não se importarem com isso.

A professora de Ciências e sua turma, após a exibição de trechos do documentário *Lixo extraordinário*, realizou uma análise reflexiva sobre os problemas apresentados no vídeo. Os alunos ficaram indignados com o que viram e levantaram diversos questionamentos: “Por que mesmo sabendo tudo de ruim eles continuam fazendo?”; “Vivendo no lixo?”; “Naquela situação?”; “Onde ficam os filhos enquanto os pais trabalham?”; “Como eles chegaram lá?”; “Como foram parar naquele lugar?”; “Ainda tem pessoas que trabalham com lixo?”.

Todas as perguntas eram analisadas e respondidas pelo próprio grupo, mediado pela professora. Algumas respostas foram: “Eles fazem isso porque não tiveram outra chance!”; “É a forma que eles encontraram para sobreviver!”.

A professora então expandiu esse projeto, levando-o a outra turma, em outra escola, particular, para alunos do 6º ano. Ela pôde perceber que durante a exi-

bição do documentário alguns alunos deram risada em algumas cenas. Assim, ela refletiu:

Fiquei pensando, tentando encontrar uma justificativa para o ocorrido. Após alguns questionamentos, percebi que os risos foram por imaturidade do grupo, não por terem achado a situação apresentada engraçada, mas por não terem muita consciência da situação das pessoas mostradas no documentário. (Relato da professora de Ciências)

Para o trabalho com a apreciação estética, a professora utilizou uma obra de Nelson Leirner, indicada pela professora de Artes. Foi preciso fazer um vídeo com as imagens da obra, porque o projetor de slides da escola estava quebrado e a única maneira de mostrar as obras seria por meio do DVD e da TV. A falta de equipamentos foi uma dificuldade durante a execução do trabalho.

Quando a professora de Artes sugeriu a análise da obra, ela refletiu:

Pensei que não conseguiria fazer adequadamente, pois não é todo dia que utilizamos obras de arte nas aulas de Ciências, mas com a explicação e ajuda da professora tudo ficou mais fácil. Ela descreveu a obra e nos orientou sobre seu significado. (Relato da professora de Ciências)

Em sala, no início da atividade, os alunos não entenderam o que a obra representava, mas depois, analisando melhor, começaram a surgir os primeiros comentários: “Os brasileiros copiam muito os costumes dos Estados Unidos”; “É como se os Estados Unidos mandassem em nós, brasileiros. A mesma coisa, como se a cultura do Brasil não tivesse valor”; “O Brasil não valoriza as pessoas, valoriza as marcas”. A experiência nova foi muito boa, pois a apreciação estética valorizou a sensibilização dos alunos.

Dando continuidade, após vários dias de reflexões, um aluno comentou sobre uma música que havia escutado e que tinha relação com nosso trabalho. A professora pensou: “Que bom! Ele estava refletindo sobre o assunto em casa também!”. Tratava-se da música “Isso é Brasil”, de Mc Garden, e o aluno chamou a atenção para a seguinte frase: “Preso na cela ou na sala vendo novela”, que faz referência aos pais que deixam de dar atenção, amor e carinho aos filhos e passam o tempo livre com outros entretenimentos.

Como citado anteriormente, a professora de Ciências também aplicou o projeto em uma escola particular, onde o consumismo e a busca por novidades é muito maior do que entre os alunos da escola pública. Ela disse: “Fiquei muito curiosa para comparar as respostas dos alunos quanto ao dilema moral”.

Para grata surpresa da professora, as respostas foram semelhantes. Em ambas as escolas alguns responderam que não comprariam e outros que comprariam sem pensar nas consequências:

Eu não compraria. Tenho sim a consciência do que um simples celular traz de problemas. Os piores são as condições desumanas e os estragos à natureza... As condições desumanas me deixam indignada, ninguém gostaria de trabalhar enquanto crianças... Não tem tempo nem condições de estudo para formar uma boa e nova sociedade... Ninguém é diferente, todos temos os mesmos direitos... Respeite para ser respeitado, ame para ser amado, porque o que menos tem, ou não tem, é o que mais dá valor à vida e estende a mão ao amigo. (Aluno de 11 anos)

Eu não, porque se eu comprasse traria vários problemas... Enquanto você está pensando no que escrever no celular para o seu amigo, outras pessoas estão pensando se vão sobreviver, como estão suas famílias... (Aluno de 11 anos)

O mais interessante do trabalho foi ter acendido uma pequenina lâmpada na cabeça de cada aluno. Foi fazê-los refletir sobre coisas que não haviam pensado antes, sobre o outro lado da história. Porque, quando eles compram alguma coisa, essa “coisa” vem embaladinha, bonitinha... Eles nunca haviam parado para pensar em todo o processo de produção e as implicações de tudo isso.

Durante a exibição do vídeo *Consumo × felicidade*, o que chamou a atenção da professora de Ciências foi o comentário “Deu até vontade de chorar”, sinal de que o projeto conseguiu tocar o coração do aluno. Outro, comentou que “Se a vida não tem preço, então não tem valor”, fazendo referência a uma série de acontecimentos noticiados na TV, citando como exemplo que um simples desentendimento no trânsito pode ser motivo para uma pessoa matar a outra, destacando a intolerância entre as pessoas e a extrema valorização do bem material.

No final do projeto, os alunos apresentaram vários trabalhos, tinham várias opções, mas a maioria optou por fazer cartazes, porque para teatro, música e outros precisavam ensaiar e a escola não disponibilizou espaço. Apesar disso, um grupo chamou a atenção por apresentar a música “Que país é esse”, da banda Legião Urbana. Um menino a tocou no violão e todos do grupo cantaram. Mas, o que mais chamou a atenção não foi isso, e sim a reflexão que fizeram a partir da música, após terem sido perguntados sobre o porquê da escolha. Mostraram uma maturidade sem tamanho para a idade deles.

Na escola particular, os grupos decidiram fazer vídeos sobre o tema proposto, já que havia os recursos necessários para isso. Segundo a professora

de Ciências, os vídeos ficaram ótimos e as reflexões melhores ainda! Destaca-se o comentário de um aluno – “Nossa, esse projeto me mostrou muita coisa que eu não conhecia, que eu nunca havia pensado antes” – referindo-se às consequências do consumismo. Disse, também, que passaria a pensar mais sobre suas atitudes.

Limites e possibilidades

Segundo a avaliação da professora de Ciências, o projeto teve mais pontos positivos do que negativos. A escolha do tema foi um dos aspectos positivos, pois sempre pensou na relação do consumo com a coleta seletiva (“Será que isso é a solução? Por que não trabalhar o consumismo? A redução na produção de resíduos não seria a solução?”).

Outro ponto positivo levantado pela professora foi a receptividade ao projeto, alunos que eram distraídos e indisciplinados participaram ativamente das reflexões. Apesar das dificuldades que surgiram, o trabalho foi gratificante, pois ela sentiu que se aproximou dos alunos. Foi um sentimento de carinho mútuo.

Participar do projeto foi muito bom para meu crescimento profissional. Muitas vezes, da maneira como as coisas são conduzidas na rede estadual, parece que nós, professores, somos incapazes, culpados por tudo de ruim que acontece na educação pública. Levam-nos a pensar que não temos competência, que não sabemos planejar, como fracassados, entre outras coisas. Digo isso porque é exatamente assim que me sentia antes, de tanto ouvir comentários diminuindo nossa classe profissional, parecia que haviam feito uma “lavagem cerebral”! Acredito que muitos colegas se sentem do mesmo jeito, incapazes de realizar, sentindo-se “doadores” de aula e nada mais. O professor é capaz sim! Apesar de muitas vezes ser levado a pensar que não é! O curso ofereceu oportunidade para “abrir” a mente, ampliar horizontes e mostrar que, quando temos oportunidades, somos capazes de criar, de agir, de fazer a diferença. (Relato da professora de Ciências)

A primeira mudança foi interna, ao revisarmos nossos próprios valores. Começamos a pensar de maneira diferente, a ter uma visão diferente sobre as coisas, sobre nossas atitudes, e isso acabou refletindo na sala de aula.

Depois da mudança interior veio a chance de trabalhar em equipe, com professores de várias áreas e técnicas que fugiam do comum (como a apreciação estética, em que trabalhamos com um poema e uma obra de arte), coisas que só pudemos pensar porque estávamos em uma equipe, na qual cada um contribuiu

com sua ideia, com sua experiência. Todos tinham um objetivo em comum, estavam animados em trabalhar com algo elaborado pela equipe e cheios de vontade que tudo desse certo e o resultado fosse o melhor que poderíamos esperar.

Um ponto negativo, ressaltado pela professora de Ciências, foi a falta de recursos materiais. Também, a falta de tempo para aprofundar as reflexões, deixando um sentimento de ter faltado alguma coisa, de ter deixado um trabalho incompleto. Apesar dessas dificuldades que surgiram, o trabalho foi gratificante, pois, como já foi mencionado aqui, ela e os alunos se aproximaram, criando um sentimento de carinho mútuo.

A professora de Artes elencou como positiva a oportunidade de reflexão sobre o tema consumismo, suas consequências para a natureza, a sociedade e a própria vida, o desenvolvimento do senso crítico em relação às propagandas. Além da possibilidade de parcerias com outras disciplinas e a troca de experiências e reflexões enriquecedoras com outros professores.

Esse projeto ampliou os meus horizontes tanto no campo pessoal quanto profissional. O consumismo, tão presente no nosso dia a dia através das nossas ações e de tudo que nos cerca, porém tão pouco questionado e refletido por nós e nossos alunos, foi uma temática que me possibilitou rever certas atitudes diante das propagandas e minhas próprias práticas de consumo e geração de resíduos, tão prejudiciais a nós e à sociedade como um todo. Assim como deixou uma sementinha plantada em cada estudante que dele participou. Além disso, a troca de experiências e conhecimentos com os professores de outras áreas, as reflexões geradas através das atividades desenvolvidas nos encontros, desenvolveram em mim um sentimento de que existe esperança para uma educação diferente. Como relatou a professora de Ciências, também vejo o sentimento de fracasso que alimentam em nós no cotidiano escolar. O projeto agia como adubo na minha esperança, fazia renascer em mim a confiança de que as coisas podem ser diferentes na educação, não estava sozinha nesse pensamento. (Relato da professora de Artes)

Essa mesma professora apresentou como dificuldade desenvolver o sentimento de afetividade em relação ao assunto, o que se tornou um tanto cansativo; a necessidade de um trabalho mais prático ligado à arte, com o intuito de desenvolver esse lado mais intuitivo e afetivo; a falta de um período mais prolongado para os debates e exposição das opiniões.

A disciplina de Artes corresponde a duas aulas semanais, tendo em vista alguns imprevistos e a demanda de tempo maior para o desenvolvimento de algumas

atividades, além do previsto no plano de ensino, fez o projeto ficar um tanto cansativo para os estudantes. Analisando os desenhos de alguns alunos, fiquei com a sensação de que compreenderam mais o assunto do que me parecera inicialmente, e que talvez com o tempo mais prolongado e com mais atividades práticas conseguissem expressar melhor seus sentimentos e reflexões. Por se tratar de adolescentes, muitos se sentem envergonhados de expor seus pensamentos através da fala, e a maioria sente preguiça de escrever, embora saibamos que o estímulo a essa ação é tarefa fundamental a todas as disciplinas. Fiquei com a sensação de que talvez a prática de reflexões não verbais me auxiliasse a descobrir mais sobre seus pensamentos e despertasse mais a criatividade e expressão de sentimentos sobre o tema. (Relato da professora de Artes)

O professor de História apontou que muitas vezes o currículo não permitiu buscar trabalhos de reflexão, já que isso demanda certo tempo. Segundo ele, o projeto serviu a ambos, considerando que a escola e não somente os alunos foram contemplados e privilegiados nesse processo, e que a transformação ocorre, às vezes, de maneira lúdica, sem pretensão.

O tempo como questão da educação

A falta de tempo foi considerada um ponto negativo para o desenvolvimento do projeto por todos os professores. Além de o currículo não permitir muitas reflexões, pois eles têm que “dar conta” por causa das avaliações externas (Saresp, entre outras) e por conta da cobrança da equipe gestora, faltou tempo para o planejamento das atividades, para o estudo e para o encontro com os colegas da escola, que poderiam auxiliar o trabalho.

Na escola, tudo é muito corrido, os encontros com os colegas ou são nas ATPCs (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo), onde não temos espaço para esse tipo de discussão, ou nos intervalos das aulas, o que torna a discussão ainda mais difícil, porque temos que decidir entre ir ao banheiro, comer algo (afinal, são seis aulas no período e todos têm necessidades...) ou discutir projetos. Somos cobrados para executar atividades burocráticas, como o preenchimento de dezenas de papéis que em nada acrescentam, efetivamente, ao processo de ensino-aprendizagem.

A escola atual reflete a sociedade contemporânea, imediatista e muitas vezes superficial, na qual somos cobrados o tempo todo para que sejamos criativos, que apresentemos resultados práticos, entretanto não temos tempo para pensar sobre o que estamos fazendo, como estamos vivendo e onde iremos e queremos chegar.

O ideal seria que todos tivessem uma carga horária reduzida com os alunos e pudessem cumprir uma determinada carga horária na própria escola, para poder planejar melhor as aulas, discutir com os colegas, estudar, fazer pesquisa, entre outras atividades, transformando o professor “doador” de aula em professor pesquisador.

O cumprimento de uma jornada diferenciada na escola também possibilitaria que o professor ficasse em uma única escola. Como é mal remunerado, precisa complementar a carga horária com outros empregos se quiser ter uma condição de vida um pouco melhor. Se pudesse ter dedicação exclusiva e fosse bem remunerado para isso, a qualidade da educação só poderia melhorar.

Segundo Bondía (2002), a experiência tem significado algo que nos passa, nos atravessa e nos toca. Além de passar informações, pelas quais as crianças e jovens já são bombardeados diariamente, é preciso fazer os alunos sentir na pele o que é estar no lugar do outro, o que é fazer parte do meio ambiente e do mundo, promover a reflexão e o senso crítico sobre o que estão vivendo, o que está acontecendo ao seu redor, as relações humanas, o que estão consumindo. Mas, como fazer isso se a maioria dos educadores não possui tempo para repensar e buscar novos caminhos para a sua prática?

Além da quantidade de aulas que precisamos ministrar ainda chegamos em casa com uma infinidade de atividades para corrigir, papéis para preencher, aulas para preparar (sendo que não somos remunerados e estimulados para tal). Diante disso, o professor tem que escolher entre dedicar o pouco tempo que lhe resta fora da escola para ter vida pessoal ou realizar de forma exemplar e integral o seu trabalho, revendo suas aulas, estudando e buscando alternativas.

Mesmo com vários fatores contrários, alguns professores ainda buscam opções, dispondo do seu tempo de descanso nessa busca, como é o caso do projeto “Educação Ambiental e trabalho com valores”, que nos permitiu ampliar horizontes, rever a nossa prática, resgatando a autoestima e permitindo que, através das aulas e da troca de experiências com os colegas, visualizássemos um caminho diferente e enriquecedor tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional, melhorando-nos como cidadãos e educadores.

Apesar das frustrações e desafios que encontramos no meio do caminho, dos baixos salários, da falta de recursos, entre outras coisas, é muito gratificante ver os resultados positivos, a participação, a evolução dos alunos durante o ano. Não deixamos de acreditar que podemos fazer a diferença, que podemos marcar a vida deles de uma forma positiva.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, C. D. D. E. Eu, etiqueta. Disponível em: <http://educador.brasil-escola.com/estrategias-ensino/o-consumismo-na-voz-carlos-drummond-andrade.htm>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- BETTO, F. *A mosca azul*: reflexão sobre o poder. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.19, p.20-8, 2002.
- FREINET, C. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEIRNER, N. Disponível em: www.nelsonleirner.com.br. Acesso em: 12 abr. 2016.
- PUIG, J. M.; FUZATTO, A. V. *Ética e valores*: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- SAMPAIO, R. M. W. F. *Freinet*: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione. 1989.
- VÍDEOS. *Criança, a alma do negócio* (versão reduzida). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=n0zK8v245oM. Acesso em: 12 abr. 2016. *Consumo × Felicidade*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=nV23T5QYcuc. Acesso em: 12 abr. 2016. *On ou Off: de que lado você está?*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=RadIP53qXhU. Acesso em: 12 abr. 2016.
- WALKER, L.; HARLEY, K.; JARDIM, J. *Lixo extraordinário*. [Filme biográfico], 2010.

Apêndice

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – UNESP/RIO CLARO

PROJETO DE EXTENSÃO/CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA
“EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TRABALHO COM VALORES” – 2013

PLANO DE ENSINO

TEMA/TÍTULO – “O CONSUMO QUE CONSUME O CONSUMIDOR”

Equipe envolvida no projeto em 2013

<i>Disciplina</i>	<i>Escola</i>
Ciências	E. E. Prof. Antonio Perches Lordello
Artes	E. E. Prof. Odécio Lucke
Ciências	E. E. Prof ^a Carolina Augusta Seraphim
Geografia	E. E. Marcelo de Mesquita
História	E. E. Prof. Antonio Perches Lordello

Objetivos

Espera-se que os alunos sejam capazes de:

- entender a relação entre consumismo e geração de resíduos sólidos;
- reconhecer as consequências do consumismo;
- valorizar o “ser” em relação ao “ter”.

Conteúdo

- Geração de resíduos sólidos.
- Destinos dos resíduos sólidos.
- Relação entre consumismo e impactos ambientais e sociais.

Atividades previstas

1ª parte – Definição de consumismo

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos alunos que prestem atenção ao vídeo para posterior discussão. • Posteriormente, perguntar: Qual é a diferença entre consumo e consumismo? 	<ul style="list-style-type: none"> • Assistir ao vídeo com atenção. • Responder a pergunta: Qual é a diferença entre consumo e consumismo? 	<ul style="list-style-type: none"> • Vídeo: <i>On ou Off: de que lado você está?</i> • DVD e TV.

2ª parte – Diferenciação entre consumo e consumismo

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Distribuir o texto: “Sociedade e consumo”. • Ler o texto para toda a sala. • Formar duplas ou grupos para análise do texto. • Orientar para a pesquisa: tipo de lixo gerado no passado e atualmente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar a pesquisa em casa e levar na data determinada. • Acompanhar a leitura do texto para posterior análise e discussão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotocópias do texto: “Sociedade e consumo”.

3ª parte – Geração de resíduos sólidos e seus possíveis destinos

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Coleta dos dados da pesquisa feita em casa sobre tipos de lixo. • Orientação para a elaboração do gráfico com os dados coletados. • Exposição dialogada sobre os possíveis destinos que esses resíduos podem ter, com ênfase no aterro sanitário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração em grupo de um gráfico com os dados da pesquisa. • Participação da exposição dialogada sobre os possíveis destinos dos resíduos sólidos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados da pesquisa feita em casa. • Cartolina. • Textos informativos complementares sobre os destinos do lixo (para suporte).

4ª parte – Destinos do lixo e consequências do consumismo

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Utilização do trecho do filme <i>Lixo extraordinário</i>. • Estimular discussão sobre os pontos principais do filme. 	<ul style="list-style-type: none"> • Assistir ao vídeo com atenção. • Participar da discussão sobre o filme. 	<ul style="list-style-type: none"> • Filme <i>Lixo extraordinário</i>. • DVD e TV.

5ª parte – Influência da mídia no modo de consumo e consequências do consumismo

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Perguntar aos alunos: Vocês já pensaram sobre a manipulação do nosso consumo pela publicidade/mídia? Sentem-se influenciados na hora de comprar algo? • Utilizar o documentário: <i>Criança, a alma do negócio</i>. • Estimular a discussão do documentário. • Ler o poema: “Eu, etiqueta”. • Orientar a reflexão em casa. • Analisar a obra <i>A Lot</i>, de Nelson Leirner. • Estimular a reflexão. • Apresentar as consequências do consumismo (China e África). • Utilizar o vídeo <i>Movie Maker</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participar da reflexão. • Assistir ao documentário com atenção e participar da discussão. • Fazer a reflexão do poema “Eu, etiqueta” em casa e levar na data determinada. • Entregar a reflexão sobre o poema. • Refletir sobre a obra <i>A Lot</i>, de Nelson Leirner, e expor sua opinião. 	<ul style="list-style-type: none"> • Documentário <i>Criança, a alma do negócio</i>. • DVD, TV. • Cópias do poema “Eu, etiqueta”. • Imagens da obra <i>A Lot</i>, de Nelson Leirner. • Cópias de textos sobre as consequências do consumismo. • Vídeo <i>Consequências do consumismo (Movie Maker)</i>. • DVD, TV.

6ª parte – Valorização do ser humano

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Orientar para a reflexão sobre o dilema apresentado. • Exibir o vídeo <i>Consumo × Felicidade</i>. • Orientar para a elaboração do trabalho final, com o tema Ser × Ter. • Organizar grupos e orientar para as várias opções: música, teatro, dança, cartazes etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre o dilema apresentado e escrever um texto sobre suas conclusões. • Assistir ao vídeo com atenção. • Elaborar o trabalho final de acordo com a preferência do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dilema. • Vídeo: <i>Consumo × Felicidade</i>. • TV, DVD. • Lousa, giz e o material escolhido pelo grupo para o trabalho final (a ser definido).

Avaliação

- De acordo com a participação individual e em grupo nas atividades propostas e a realização das tarefas.